

Discurso jornalístico e representação biográfica: a trajetória de José Lutzenberger na imprensa

Fernanda Rios Petrarca¹

Introdução

Este artigo analisa a produção do discurso jornalístico sobre o ambientalista José Lutzenberger e a forma como essa personalidade foi apresentada publicamente pela imprensa no estado do Rio Grande do Sul. Tal análise se insere na temática que busca estabelecer uma relação entre produção de discursos jornalísticos e as condições sociais que fornecem quadros de referências para os jornalistas na construção de notícias. Parte-se do princípio que as informações biográficas, as quais podem ser abordadas por diferentes instrumentos, tais como produção de livros, dicionários biográficos, constituem também alvo de interesse midiático. A mídia se constitui como um importante espaço de publicização e um dos principais instrumentos utilizados por personalidades reconhecidas para realizar o trabalho de promoção pessoal, pois a cobertura dos meios de comunicação e a visibilidade midiática compõem as estratégias de apresentação de si pelos agentes cujas biografias constituem uma das armas de luta dentro dos espaços nos quais eles estão engajados (COLLOVALD, 1988). Entretanto, mais do que um instrumento de informação, as instâncias de publicação, como a mídia, funcionam segundo as regras e segundo uma visão de mundo que lhe são próprias.

A literatura sociológica referente aos meios de comunicação, sobretudo os trabalhos de Pierre Bourdieu e sua equipe, tem destacado que a imprensa compõe o quadro dos novos atores que passam a ter uma atuação destacada em torno da definição dos fatos sociais, constituindo-se como espaço importante de articulação com outras esferas sociais, como a política, os movimentos sociais, dentre outros. Sua influência é definida não só pelo fato dela contribuir para definição da agenda pública, mas também pelo seu “poder” de sugerir “como pensar” os assuntos

¹ Professora do Instituto de Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas
Recebido em 05/2007. Aceito em 08/2007.

publicados. Assim, a imprensa não fornece apenas informações sobre os acontecimentos, ela também os produz ao privilegiar certas interpretações destes, contribuindo para fabricar o sentido e uma definição social dos mesmos. A luta simbólica da imprensa se expressa pelo seu desafio de impor um certo ponto de vista ou uma certa visão sobre o mundo social como correta ou verdadeira. O discurso midiático é parte de um processo pelo qual os jornalistas desenvolvem e cristalizam significados no discurso público. E os meios de comunicação podem contar com diversos recursos para “vencerem” essa luta simbólica e imporem significados, principalmente quando concorrem com outras mídias. Dentre esses recursos estão a utilização de fotografias ou imagens, relatos de pessoas famosas, etc. Tais recursos contribuem para passar uma determinada imagem e construir de uma determinada maneira os fatos sociais a que se propõem a relatar (BOURDIEU, 1997, CHAMPAGNE, 1998a, 1998b).

Um dos elementos fundamentais que contribuem para construção de significados pela imprensa está relacionado ao modo de estruturação e a dinâmica de funcionamento do espaço jornalístico, isto é, os constrangimentos que pesam sobre a produção jornalística e o modo de construção das notícias. Neste tipo de abordagem sobre a mídia Pierre Bourdieu se destacou¹, salientando que essa estrutura também exerce efeitos sobre a dinâmica interna do jornalismo, provocando certas divisões (grande imprensa, jornalismo comercial, pequena imprensa, jornalismo especializado), sobre os jornalistas e sobre as outras esferas sociais, em termos da dinâmica de funcionamento destas (do que se faz e do que se produz em diferentes esferas).

Na tentativa de unir as condições objetivas que influenciam o trabalho jornalístico e o modo de percepção dos jornalistas, alguns autores deram destaque para os “quadros de referência” que os jornalistas utilizam para dar sentido a sua atuação profissional. Tais quadros funcionam como instrumentos que permitem organizar e “enquadrar” as questões a serem tratadas pelos jornais e estão relacionados aos diversos constrangimentos que pesam sobre o jornalismo e sobre os jornalistas. Assim, a estrutura dos meios de comunicação fornece os ângulos das notícias, ajudando o jornalista e o público a formar um sentido dos acontecimentos. Este tipo de abordagem sobre os meios de comunicação social se destacou, sobretudo a partir dos anos 1980 e teve grande influência dos trabalhos de Erving Goffman sobre as interações em pequenos grupos (HANNIGAN, 1995). Destacaram-se nesta perspectiva Gamson e Modigliani, Bosk e Hilgartner e, mais recentemente, Philippe Juhem que faz um uso particular do conceito, referindo-se mais a “quadros cognitivos”. Estes autores mostram, ao mesmo tempo, de que forma os quadros de referência mobilizados fornecem recursos argumentativos na elaboração de relatos e notícias, e como dependem de certas condições sociais, fornecendo aos leitores possíveis interpretações das questões. Esta abordagem toma como preocupação central a decodificação dos textos produzidos pelas diversas mídias, assim como as imagens, as figuras visuais e as linguagens produzidas na construção social das notícias.

Desse modo, levando em consideração as abordagens mencionadas acima, parte-se do princípio que os relatos jornalísticos sobre o ambientalista José Lutzemberger, além de fornecerem informações “biográficas”, contribuem para a construção da representação social do ator ao selecionar certos aspectos de sua vida como relevantes, em detrimento de outros que não são mencionados. A seleção das propriedades do ator pelos jornais fornece respostas para pergunta: “quem foi e o que fez?”, contribuindo, assim, para construir e definir sua identidade social. Contudo, a seleção das propriedades que caracterizam um personagem pela imprensa depende de um conjunto de condições, como as linhas editoriais, os interesses peculiares de cada jornal e os constrangimentos sociais e estruturais que se impõem ao trabalho jornalístico. Tais condições fornecem, aos jornalistas, os primeiros quadros de referência na construção de uma matéria e é através da forma como a imprensa apresenta os personagens que ela constrói uma visão social sobre eles.

Nesse sentido, este artigo pretende mostrar um modelo explicativo dos processos de definição dos quadros argumentativos e cognitivos que se impõem aos jornalistas no tratamento de determinados fatos e como os relatos jornalísticos oferecem aos leitores compreensões sobre os temas noticiados. Dessa forma, a análise das notícias biográficas permite revelar não apenas os quadros de referência dos jornalistas, mas também a visão que os jornais têm a respeito do espaço em que o personagem retratado está inserido (COLLOVALD, 1988).

Portanto, é preciso apresentar, mais detalhadamente, de que forma este trabalho define e se utiliza dos “quadros de referências” ou, como denominam um conjunto de autores, os “esquemas argumentativos” (BOSK & HILGARTNER, 1988, FUKS, 2001, GAMSON & MODIGLIANI, 1989, JUHEM, 1999). Tais esquemas constituem o conjunto de argumentos que os jornais utilizam para expor uma determinada compreensão do problema. A notícia é uma realidade construída em que os jornalistas definem e redefinem os significados sociais como parte de sua rotina de trabalho. Os “pacotes interpretativos” são dispositivos organizacionais que ajudam o jornalista a formar um sentido para as questões e acontecimentos e através disso injetar-lhe um significado. Tais “pacotes” são, ao mesmo tempo, esquemas de percepção e de julgamento que os jornalistas operacionalizam para fazer um comentário ou elaborar uma notícia. Através da análise do conjunto dos argumentos mencionados e salientados pelos jornais para explorar um determinado tema é possível apreender o “esquema argumentativo” que permite dar uma definição do assunto. Contribuem para a produção destes esquemas as capacidades que os jornais possuem que são, igualmente, os próprios limitadores do trabalho jornalístico, dentre as quais se pode citar: o número de repórteres, o tempo que o veículo disponibiliza para produzir matérias, o espaço possível para apresentar as informações dentro do jornal, a seção específica em que ela é colocada, o uso de metáforas, imagens e fotografias. Além disso, a relação com as fontes de informação das notícias, a linha editorial do jornal, a história política da redação e a própria trajetória de seus jornalistas constituem alguns dos determinantes que contribuem para a elaboração dos argumentos

abordados pelos jornais. Do mesmo modo, cada um dos esquemas argumentativos define uma rede de significações sobre os fenômenos, fornecendo ao leitor uma lógica implícita de julgamento sobre o tema em questão. Assim, os profissionais da imprensa, pela maneira como distribuem no interior do jornal uma série de palavras, imagens, fotos, declarações, interpretações, contribuem para “fazer crer” ou “fazer ver” uma definição legítima, nesse caso, tanto dos “problemas ambientais” quanto da representação do que é ser “ecologista”.

Os procedimentos metodológicos adotados, neste trabalho, consistiram em estabelecer um recorte temporal, tomando como ponto de partida as notícias que foram publicadas sobre o ambientalista logo após o seu falecimento, em maio de 2002, nos jornais denominados como “comerciais”, como também naqueles vinculados ao chamado “eco jornalismo” e que realizam uma produção exclusiva de notícias ambientais. José Lutzenberger se destacou na imprensa na década de 1970-80, por fazer parte do movimento ecológico liderando as lutas deste movimento e o seu falecimento ganhou destaque nos jornais locais e até mesmo nos jornais nacionais e em revistas internacionais. Em função deste acontecimento, um conjunto de notícias sobre a vida do ambientalista, as quais salientavam quem foi e o que fez essa personalidade, ganhou visibilidade. O grande número de notícias sobre tal ambientalista, tanto em jornais classificados como “comerciais”, como naqueles destinados ao “eco jornalismo”, está relacionado, por um lado, ao interesse da imprensa em publicar fatos extraordinários, de acordo com seus princípios de venda e audiência. Por outro lado, está também associado aos princípios que orientam a chamada “imprensa ambiental”, a qual tem um interesse em divulgar essas matérias, uma vez que trata diretamente da luta que pretendem divulgar e com a qual se envolvem.

Como se sabe, a morte de uma personalidade conhecida tende a provocar um maior número de notícias nos jornais, de modo geral, estimulando matérias, principalmente naqueles jornais voltados a um jornalismo mais comercial, pois as catástrofes e as tragédias constituem uma das limitações que governam o espaço jornalístico e que servem como “tempero” para muitas matérias jornalísticas. Nesse contexto, geralmente, encontram-se heróis, vítimas, vilões, o que contribui para aumentar o índice de audiência, a venda de jornais e a possibilidade de vencerem a concorrência. O caráter sensacionalista, dramático e emocional das notícias passa a ter prioridade nos jornais constituindo um dos critérios que permite selecionar certos fatos e não outros. Assim, os fatos que tem maior probabilidade de aparecer na mídia são aqueles que melhor representam o “drama social” (BOURDIEU, 1997, CHAMPAGNE, 1998a, 1997, HANNIGAN, 1995). O “drama social” e o aspecto emocional que envolve um tema como o falecimento de uma personalidade conhecida publicamente são os primeiros quadros cognitivos que se apresentam aos jornalistas na produção de notícias, tendo em vista os condicionantes que imperam sobre o espaço jornalístico, como a atratividade e a busca por leitores. A procura incessante por esses “acontecimentos espetaculares”, “furos de reportagem” ou por fatos que fogem

ao cotidiano e ao habitual, constituem algumas das características das relações de força e das restrições que estruturam esse campo (BOURDIEU, 1997).

Entretanto, os jornais, apesar de publicarem um mesmo assunto, possuem interesses diferentes que conduzem à construção de discursos, muitas vezes, opostos. Nesse sentido, é possível afirmar que há um campo variado de possibilidades discursivas e de esquemas argumentativos. A narrativa dos meios de comunicação sobre a questão ambiental pode ser baseada em diversos modelos argumentativos, como o modelo científico, ao mostrar dados comprovados sobre determinado tema; o modelo dramático, ao mostrar catástrofes e tragédias ambientais; o modelo das oportunidades econômicas ao mostrar “produtos verdes” e a possibilidade de fazer da questão ambiental algo comercializável e lucrativo, como a oferta de produtos naturais. Desse modo, os jornalistas são confrontados com a escolha de uma variedade de narrativas que podem competir pelo domínio nos jornais (HANNIGAN, 1995). A escolha e a seleção dessas narrativas dependem dos interesses editoriais, das propostas de cada jornal e também das preferências adquiridas pelos jornalistas no curso de suas trajetórias biográficas e profissionais (COLLOVALD, 1988, JUHEM, 1999).

Como se pode perceber, não existe uma estratégia discursiva única e válida para toda a imprensa, uma vez que os jornais dispõem de múltiplas maneiras para construir discursos e são os limitadores desse universo que vão contribuir para que uma narrativa seja mais salientada que outra. Portanto, trata-se de um conjunto de enunciados muito heterogêneos, formulados por uma imprensa destinada a um grande público e preocupada com a venda e uma imprensa destinada a um público menor, preocupada com um reconhecimento interno ao meio jornalístico e também preocupada com o reconhecimento externo, dentro do movimento ambientalista.

Os dados e a própria bibliografia sobre a inserção da temática ambiental na imprensa têm salientado que nos jornais classificados como “comerciais”, o tema meio ambiente não ocupa um lugar de destaque, permanecendo, muitas vezes, em segundo plano nos interesses dos jornais (LASCOUMES, 1994). No caso dos jornais “comerciais” considerados, o tema meio ambiente aparece apenas na seção “Geral”, editoria responsável, dentre outros temas, pela veiculação das questões ambientais. Nesse sentido, a temática ambiental disputa espaço com outros assuntos como saúde, educação, segurança pública.

Sendo assim, para que a questão ambiental vença a disputa com esses outros assuntos e ocupe um espaço em tais jornais, ela deverá estar relacionada a algum fato catastrófico, maléfico e até mesmo perigoso para a sociedade, como mortandade de peixe, vazamento de cargas tóxicas e também se pode acrescentar, nesse caso, a morte de uma personalidade conhecida pelo envolvimento com essa temática. Essas questões indicam que há uma definição prévia dos temas ambientais que poderão ganhar um espaço nesse tipo de jornalismo. Portanto, certos assuntos serão fracassados e outros bem sucedidos, e não é pela sua “importância social”, ou “real”, que eles aparecerão no jornalismo, mas pela dinâmica de funcionamento e interesses próprios dos veículos em questão (FUKS, 2001).

Já a imprensa que se auto define “ambiental” além de ter mais espaço para apresentar os temas ambientais, e além de contar com jornalistas que se dedicam especialmente a este tema, estabelece um contato diferenciado com os grupos ambientais e com a própria temática ambiental. Seus jornalistas se apresentam como “jornalistas ambientais” e participam, muitas vezes, de organizações ambientalistas e de entidades que se dedicam à defesa da causa ambiental. Essa forma de exercício profissional preocupa-se, não só com o reconhecimento interno, mas também com o reconhecimento externo ao universo jornalístico, na maioria das vezes voltada ao reconhecimento pelos grupos ecológicos. Pode-se dizer, com isso, que a interação estabelecida entre os jornais e as fontes de informação das notícias, no caso, os grupos ecológicos e os ambientalistas, constitui um dos critérios que permite perceber as diferenças entre as maneiras de construir e de definir a temática ambiental e a identidade de um ambientalista.

Por conseguinte, enquanto a imprensa definida como “comercial” enfrenta as pressões econômicas e do mercado na publicização de determinados assuntos, a imprensa destinada a tratar de temas ambientais se defronta com os interesses próprios do movimento ambiental e com os quadros de interpretação que estes fornecem sobre os assuntos. Tais constrangimentos que se impõem aos jornalistas tendem a limitar as escolhas dos quadros de interpretação disponíveis sobre os temas ambientais. Assim, as oposições que dividem os jornais em “comerciais” e “ambientais” têm como base diferentes propostas editoriais e modalidades de exercício e investimentos profissionais que resultam num contato distinto com as fontes de informação e com o espaço econômico e ambiental.

A construção midiática da biografia de José Lutzenberger

Os jornais analisados foram, por um lado, aqueles definidos como “comerciais” e que produzem informações para um público amplo e diversificado, tais como *Jornal do Comércio*, *Zero Hora*, *O Sul e Correo do Povo*. Por outro lado, aqueles jornais associados ao “eco-jornalismo”, e que se dedicam à cobertura específica sobre um tema, como os informativos eletrônicos ambientais *Agir Azul* na rede e *Ambiente Já*. Esses jornais, em seu conjunto, publicaram notícias sobre a morte do ambientalista, reconstituíram alguns aspectos do enterro e salientaram homenagens recebidas pelo ecologista. A semana que sucedeu seu falecimento foi também um momento em que muito se falou sobre esse personagem na imprensa. Cabe destacar que os jornais tidos como “comerciais” não possuem seção específica sobre o tema meio ambiente, nem tampouco contam com jornalistas que se dedicam a esse tema, especialmente. Essa condição constitui um dos limitadores na organização de notícias ambientais e na seleção de temas a serem publicizados.

O *Jornal do Comércio* dedicou três notícias. Uma delas sobre a morte do ambientalista, a segunda para falar da “Fundação Gaia”, entidade criada pelo ambientalista e atualmente administrada por uma de suas filhas, e uma homenagem prestada pelo jornal ao ambientalista. Sobre a morte e o enterro, o

jornal dedicou uma nota pequena e rápida, com umas cinco linhas, salientando o fato do “ecologista” ter sido sepultado no “Rincão Gaia”, “lugar de seu retiro espiritual”², com o seguinte título: “Lutzenberger é sepultado em Gaia” (publicada em 16/05/2002). A homenagem do jornal foi dedicada à “Fundação Gaia” e a Lutzenberger devido as suas atitudes em prol do meio ambiente: “Pena que pessoas assim estejam em extinção” (publicada em 21/05/2002).

Convém salientar que, conforme a linha editorial desse jornal, seu objetivo é dar ênfase para assuntos que estejam relacionados à área de economia e negócios. Em função de tal determinação editorial e por razões comerciais e publicitárias, esse jornal valorizou na semana que Lutzenberger morreu os projetos e o trabalho desenvolvido pela “Fundação Gaia”, como se pode perceber no fragmento da notícia abaixo:

[...]A Fundação Gaia foi uma das realizações do ecologista gaúcho José Lutzenberger, para colocar em prática os ideais de agricultura sustentável e comunhão com a natureza. A identificação do ambientalista com o projeto era tão grande que foi no Rincão Gaia (no município de Pantano Grande) que ele passou seus últimos dias de vida e ali foi sepultado, no dia 15 passado, conforme seu desejo[...](publicada em 21/05/2002)

A notícia além de salientar o empreendedorismo do personagem destaca também o funcionamento da Fundação, a forma como ela está organizada e como sobrevive.

[...]O sítio costuma receber diariamente profissionais, crianças, alunos e visitantes. Para continuar sobrevivendo, a Fundação Gaia arrecada fundos com os cursos, visitas (é cobrado ingresso a R\$ 22,50 por pessoa), venda de produtos e consultorias para empresas[...](publicada em 21/05/2002)

Dessa forma, o jornal salientou a recuperação do “Rincão Gaia”, que se transformou em um sítio ecológico e a criação da “Fundação Gaia” como uma das principais realizações de Lutzenberger para colocar em prática seus “ideais”. O jornal destacou uma biografia centrada no empreendedorismo e na realização e concretização de objetivos. Assim, o quadro de interpretação utilizado pelo jornal para se referir ao personagem é o da relação bem sucedida entre negócios e meio ambiente. A linha editorial e a política do jornal se constituem como um dos principais elementos que fornecem aos jornalistas esquemas através dos quais é possível apresentar o ambientalista.

O jornal Zero Hora dedicou 9 matérias, dentre matérias especiais, palavras do leitor e opinião. Dedicou uma página, na seção Geral, para falar do enterro e dos motivos da morte, com fotos do cortejo. A matéria teve o título na contracapa: “Adeus ao guardião do verde” (publicada em 16/05/2002). Essa matéria apontou a presença de amigos, parentes, ambientalistas e autoridades como o governador do estado do Rio Grande do Sul Olívio Dutra e o secretário do meio ambiente Cláudio Langone na cerimônia do enterro. A notícia salientou o cortejo, descreveu a forma como foi enterrado, “o corpo envolto apenas por uma coberta” (publicada em 16/05/2002), cujo título, colocado na seção Geral era:

“Lutzenberger sepultado entre árvores”. Tal notícia deu visibilidade a uma árvore que caiu durante o enterro, como uma forma da natureza lembrar “as atitudes enérgicas e o vigor que se tornaram marca registrada do ambientalista” (publicada em 16/05/2002, p,37). No trecho abaixo se pode ver a descrição do fato:

[...]A natureza prestou ontem uma homenagem a seu maior defensor brasileiro...No instante em que a terra começou a cobrir o corpo de José Antônio Lutzenberger, um temporal desabou sobre o bosque de eucaliptos do Rincão Gaia, onde ele foi enterrado no final da manhã. O vento vigoroso que levantou folhas, derrubou uma das árvores e expulsou dali quem acompanhava o enterro lembrou as atitudes enérgicas e o vigor que se tornaram marca registrada do ambientalista....- Foi a última arte que o Lutz reservou pra nós - brincou um dos amigos da família [...] (publicada em 16/05/2002, p.37)

Em tom sentimental e melancólico, como: “a natureza prestou ontem uma homenagem a seu maior defensor brasileiro”, “a natureza recebe quem sempre defendeu” (publicada em 16/05/2002, p.37), Lutzenberger foi definido como ambientalista e ecologista polêmico, com sonhos e desejos, valorizando assim o aspecto humano do personagem e sua relação com a família.

Na semana que sucedeu à morte o jornal dedicou matéria especial para falar sobre as “profecias do ambientalista”, contida em alguns dos seus livros. A notícia que tinha como título “O mundo de Lutz em 2050” (publicada em 19/05/2002, p. 4 e 5), rendeu nota na capa do jornal. Essa notícia centrou-se na questão de Lutzenberger ter declarado que gostaria de voltar a Terra, por volta de 2050, depois de morto, como observador para ver o que estava acontecendo. Os argumentos apresentados por esse jornal nas notícias sobre Lutzenberger, fazem emergir alguns objetos de discussão como: a relação entre ciência e religião, filosofia, futuro do planeta, previsões para 2050, com depoimentos de diversas pessoas próximas à Lutz, sobretudo os amigos e a família (filhas, netas, genros).

Dentre as qualificações que lhe foram atribuídas podem se destacar as seguintes: guardião do verde, ambientalista, maior defensor brasileiro da natureza, defensor da natureza intocada, pioneiro na defesa da ecologia, ecologista polêmico, pensador radical, corajoso. E quanto às suas atitudes salienta-se: atitudes enérgicas, recuperação da pedreira do Rincão Gaia, sonhos e profecias. Tais qualificações voltam-se para aspectos peculiares da sua personalidade, centrando assim no seu caráter pessoal e nas suas ações individuais.

Um mês antes do falecimento de Lutzenberger, o jornal “Zero Hora” publicou uma matéria especial no caderno Donna, divulgado aos domingos. Essa matéria apresentou a moradia de Lutzenberger, com o título: “Lutz em seu habitat” (publicada em 14/05/2002, p. 12-15). E mostrou sua trajetória salientando os aspectos familiares e pessoais, tais como, pai, irmãos, esposa, filhas, netas e sua relação com a natureza. Como se pode ver no trecho extraído, a notícia salienta a relação de Lutzenberger com a família e o seu “dom” de estabelecer uma relação “especial” com a natureza.

[...]Lutz teve duas filhas com Annemarie, ambas biólogas por influência do pai: Lilly, 40 anos, sua secretária e Lara, 32, vice presidente da Gaia. Lilly lembra que ele sempre assustou a família ao dirigir olhando para os lados.

Parava na estrada para observar os animais e as plantas. Via o que ninguém enxergava.

Lilly é mãe das netas de Lutz, Heloísa, 10 anos, e Helena, oito. Em março o avô andava desconsolado porque Helena caíra e quebrara os dois dentes da frente. No dia em que voltou do dentista, a menina entrou correndo no casarão da Rua Jacinto Gomes, onde ele mora sozinho. Subiu as escadas chamando pelo avô. Queria mostrar os dentes consertados a um Lutz emocionado (publicada em 14/05/2002, p. 15).

Na mesma notícia também se faz referência à relação de Lutzenberger com a natureza:

Quem conhece de longe o agrônomo José Antônio Lutzenberger guardou a imagem pública que associa seu rosto grave à eloquência e a gestos nervosos a serviço de idéias cortantes. Quem chega mais perto é perturbado pelo estranhamento. Está quieto, contemplativo, faz movimentos suaves. Lutz vasculha o lago, os peixes e o que há em volta com os olhos de quem vê a natureza como poucos conseguem enxergá-la. A água aparentemente parada no que já foi uma pedreira, a traíra que engole o lambari, a paisagem quase intocada - tudo é assim porque assim deve ser. E Lutz compreende tudo (publicada em 14/05/2002, p.12).

Por conseguinte, o jornal salienta o aspecto emocional e sentimental ao mostrar as relações estabelecidas entre Lutzenberger e sua família e ao mostrar sua relação com a natureza baseada, principalmente, na admiração. Uma relação com a natureza ao mesmo tempo próxima, através de um contato constante, e distante como algo que merece ser idolatrado e venerado. Além disso, as notícias que saíram nesse jornal contaram com fotos do enterro e fotos do ambientalista sempre junto à natureza e à família, num tom contemplativo e de admiração, mas também de relaxamento e descanso.

O jornal O Sul publicou apenas uma matéria sobre o enterro: “José Lutzenberger sepultado sem caixão e sem sapato”. Salientou, de uma maneira semelhante ao que fez o jornal “Zero Hora”, a “belíssima e violenta manifestação das forças da natureza”, “homenagem de Gaia a um dos seus maiores defensores”.

Uma belíssima e violenta manifestação das forças da natureza. Assim foi a homenagem de Gaia (nome poético dado pelos antigos gregos à Deusa da Terra) a um dos seus maiores defensores, José Lutzenberger. Quando a última pá de terra foi colocada à cova do ambientalista, a fina garoa que caía no final da manhã de ontem se transformou em uma violenta chuva acompanhada por fortes rajadas de vento. A intempérie que atingiu o pequeno bosque de eucalipto chegou a derrubar uma árvore e vários galhos. As dezenas de pessoas que acompanharam o funeral correram. Algumas não deixaram de mencionar que aquilo só poderia ser mais uma das brincadeiras de Lutz (como era chamado por parentes e amigos). Outras, apavoradas, procuraram um lugar seguro para se abrigar...](publicada em 16/05/2002, p. 3)

Esse foi o trecho de abertura da matéria que descreveu o enterro e todo o cortejo. Definindo Lutzenberger como ambientalista e “pai da ecologia no Brasil”,

a notícia apresentou a recuperação do Rincão Gaia, uma antiga pedreira reconstruída pelo ecologista e atualmente com lagos, animais e muita natureza ao redor.

Os jornais acima mencionados possuem um modelo de apresentação do personagem que se assemelha, uma vez que o ambientalista é referido por suas qualidades pessoais, individuais e extraordinárias. Portanto, tal maneira de apresentar o personagem mostra uma visão voluntarista do mundo social, em que as atitudes e as ações são tratadas de modo isoladas, sem qualquer conexão com o movimento ambiental. O uso corrente de palavras como “talentoso”, “empreendedor”, “arrojado” e de ilustrações familiares para se referir ao ambientalista veiculam uma visão “encantada” da defesa do meio ambiente e, ao mesmo tempo, individualista da construção do personagem, uma vez que ele se torna o “herói” defensor da natureza mais em função de suas proezas particulares do que pela vinculação e inserção em entidades de defesa do meio ambiente.

Já o jornal *Correio do Povo* se diferenciou dos anteriores na maneira como se referiu a Lutzenberger. O jornal publicou 8 matérias, 7 delas na seção Geral. As notícias que saíram sobre o enterro e o cortejo, bem como as demais que foram publicadas depois desse fato contaram com depoimentos de representantes do movimento ambientalista gaúcho, como Augusto Carneiro e Flávio Lewgoy. Isso o diferencia dos jornais “*Jornal do Comércio*”, “*O Sul*” e “*Zero Hora*” que, no conjunto das notícias, não fizeram referência ao movimento ambientalista e as lideranças regionais na defesa do meio ambiente e, dessa forma, não relacionaram a figura de Lutzenberger a entidades ecológicas. O trecho abaixo da notícia publicada no dia da sua morte, cujo título: “Sentimento de luto domina os gaúchos” (publicada em 15/05/2002, p. 3) demonstra essa diferença.

A perda de José Lutzenberger foi sentida por todos os gaúchos. Para Augusto Carneiro, um dos fundadores da AGAPAN, o trabalho do ecologista não pode ser esquecido. “Fundamos a entidade mais agitadora do Brasil”, definiu a associação criada em 1971, ainda sob o regime de exceção no país. Membro dos conselhos estaduais do Meio Ambiente e da Saúde e ex-presidente da AGAPAN, Flávio Lewgoy disse que não se encontrará paralelo no trabalho feito por Lutzenberger. “Ele era considerado o fundador do movimento ambientalista moderno” (publicada em 15/05/2002, p.3).

Além de fazer referência, como os anteriores, ao fato de ter começado uma forte tempestade durante o enterro, “a chuva como homenagem da natureza” (publicada em 16/05/2002, p. 5), esse jornal se diferencia dos anteriores por apontar algumas das lutas de Lutzenberger como vinculadas a sua ação no interior de entidades ambientalistas. Dentre as inúmeras referências que lhe foram dadas, estão: ecologista, fundador do movimento ambientalista moderno, presidente de diferentes entidades ecológicas, grande defensor da natureza, cidadão do mundo, etc.

As notícias salientaram os diferentes postos, cargos ocupados e títulos recebidos, como secretário especial do meio ambiente no governo de Fernando Collor de Melo, prêmio Nobel alternativo, bem como os projetos que desenvolveu, como a luta contra a utilização de agrotóxicos, defesa da Amazônia, incentivador da Eco-92, trabalhos de preservação como o projeto, a execução e a

manutenção do Parque da Guarita, do Doca da Tijuca. As fotos que foram publicadas destacaram Lutzenberger em momentos de trabalho, como junto ao ex-presidente da República Fernando Collor de Melo.

O jornal Já, jornal comunitário do bairro Bom Fim da cidade de Porto Alegre que edita o informativo eletrônico Já, e que conta com jornalistas que têm um vínculo com a questão ambiental, dedicou uma matéria especial com 4 páginas e uma matéria apresentada no setor de opinião. Como os títulos: “A herança de Lutzenberger” e “O homem da rua Jacinto Gomes” (publicadas em 03/06/2002), as matérias salientaram a trajetória do ambientalista, onde nasceu, onde morou, onde trabalhou, o que fez e quais eram suas principais atividades (cursos que ministrou, aulas que deu, palestras que ofereceu). Referido como “ativista”, “perfil contestador”, “guru”, “maior ambientalista brasileiro”, “cientista respeitado”, as notícias apresentaram a inserção de Lutzenberger no movimento, com depoimentos de militantes locais, como a ambientalista gaúcha Magda Renner. Além de apresentar como ambientalista as matérias fizeram referência também ao “estudioso que se formou engenheiro, especializou-se em solos e agro-química nos Estados Unidos, falava alemão, inglês, espanhol e francês”. Desse modo, a figura do ambientalista é associada a do cientista e estudioso que fez da ciência uma forma de atuar politicamente, engajando-se no movimento ambiental e assumindo cargos políticos.

A matéria salientou os postos ocupados como: funcionário da BASF, ministro do meio ambiente, ideólogo da AGAPAN³, e também as atividades realizadas. Destacaram as seguintes atividades: palestras, coordenação e implantação de parques e projetos de reciclagem e tratamento do lixo, a assistência a pequenos agricultores, a contribuição à formação da consciência ecológica no país, as centenas de artigos que escreveu e suas conferências, a criação de empresas como a Vida, a liderança na campanha contra agrotóxicos. Na coluna de opinião cujo nome: “Manchetes que não foram escritas”, esse jornal publicou uma nota com o seguinte título: “Imprensa Caolha só viu o Lutz Romântico” (publicada em 03/06/2002). A crítica da matéria se deu basicamente pelo fato dos jornais terem salientado rótulos como “guardião do verde”, “um desses loucos maravilhosos”, ao invés de mencionar o quanto ele foi um “cientista arrojado”, “um pensador original”, “um crítico radical da sociedade industrial”, “o ativista que mostrou como se pode mudar as coisas”. A matéria relaciona tal fato às redações obedientes e cada vez mais burocratizadas associadas à falta de criatividade dos jornalistas.

O informativo eletrônico Ambiente Já⁴ apresentou notícias curtas sobre o fato, mas muito semelhantes às que foram apresentadas no jornal Já. Apresentando Lutzenberger como “grande incentivador das lutas ambientais no Brasil” (publicada em 15/05/2002) e salientando suas atividades em prol do meio ambiente, seus títulos de doutor, sua atuação em entidades ecológicas como a AGAPAN, seus empregos diversos em empresas, governos, e suas realizações como a implantação de um parque na cidade de Torres e do parque de Itapuã.

O jornal AgirAzul na Rede⁵ dedicou 8 notícias. Dentre informativos e notícias curtas de homenagens como: “Lutzenberger dá nome a sala na assembléia administrativa” (publicada em 20/06/2002), “Torres homenageia Lutzenberger com programação do Planeta Lutz” (publicada em 26/05/2002), “OSPA toca em homenagem a Lutzenberger”, “Missa de sétimo dia” (publicada em 21/05/2002). Apenas duas foram maiores. As que se referiram ao enterro: “Lutzenberger é enterrado no Rincão Gaia” (publicada em 15/05/2002) que trata do local onde foi enterrado o ecologista e como foi enterrado. E também a que se referiu de maneira sentimental ao ecologista: “A Morte do Mestre” (publicada em 15/05/2002). Fez referência a Lutz como ambientalista e cientista com embasamento científico.

O jornal ainda apresentou textos escritos por representantes do movimento ambientalista gaúcho, como Arno Kayser e da entidade AGAPAN, falando sobre Lutzenberger. A do Arno Kayser teve o título: “A morte do mestre: só os mais fortes encontram Deus no caos da escuridão” (publicada em 15/05/2002). Com um ar e tom religioso e até mesmo sentimental esse texto se refere a como o autor ingressou no movimento ecológico através do contato com Lutzenberger. Narrou também algumas das lutas das quais participaram juntos. Definido como ecologista e cientista a matéria destacou o conhecimento e os anos de estudo dedicados à causa ambiental. O texto da AGAPAN teve como título: “Morre o mestre dos ecologistas - Lutzenberger, batalhador e visionário” (publicada em 15/05/2002). Referiu-se à Lutz como liderança no movimento ecológico gaúcho e brasileiro, mostrando algumas de suas lutas como a dos agrotóxicos.

Em geral, as notícias que saíram nesse jornal valorizaram as lutas que ele travou na condição de ambientalista e líder do movimento, como os diversos projetos desenvolvidos junto a órgãos governamentais na defesa do meio ambiente; as palestras públicas proferidas junto a entidades e organizações; os livros lançados e a história de luta na defesa de temas que se destacaram. Ao mesmo tempo, o jornal enfatizou as diferentes posições ocupadas como fundador da AGAPAN, da Fundação Gaia, cargos políticos; além de salientá-lo como “poliglota”, “profundo conhecedor das ciências humanas, sociais e da terra”, “ilustre Engenheiro Agrônomo e Ambientalista”, “líder ambientalista”, “cientista”, “mestre”, “liderança do movimento ecológico gaúcho e brasileiro”.

Os modelos argumentativos e os quadros de referência dos jornalistas

Com base na descrição do material jornalístico, pode-se definir dois modelos de argumentos jornalísticos que se destacaram a respeito da trajetória do ambientalista José Lutzenberger. Um modelo individualista, centrado na pessoa do ambientalista, no que ele representa enquanto celebridade da temática ambiental e um modelo militante, centrado na figura do militante engajado na defesa do meio ambiente, do líder do movimento ambiental, destacando sua relação com as atividades do movimento ecológico em geral. O modelo individualista possui

alguns desdobramentos. Um destes desdobramentos está relacionado a capacidade empreendedora do personagem, amplamente explorado pelo Jornal do Comércio. Tal jornal abordou o personagem sob a perspectiva das oportunidades econômicas que podem ser extraídas da defesa da causa ambiental, salientando a questão empreendedora que pode se unir à questão ambiental. Um segundo desdobramento desse modelo centrado nas características individuais está relacionado ao aspecto emocional, sentimental que envolve o fenômeno ambiental e que vão desde os vínculos familiares do ambientalista até as atitudes isoladas e particulares na defesa do meio ambiente. Por fim, o modelo militante é aquele que salienta o vínculo estabelecido entre o personagem e o movimento ambientalista, fazendo da sua ação, uma apoiada em grupos que lutam pela defesa da causa ambiental, centrando na figura do “ativista”, “militante”. Tais modelos diferenciam-se, sobretudo pelo destaque desigual que deram ao movimento ambiental e a relação entre o personagem e as entidades ecológicas. Contudo, apesar dessas diferenças, estes modelos se assemelham no que diz respeito ao caráter particularista do personagem, da figura do “herói” e dos aspectos extraordinários, como líder do movimento, como “guardião do verde”.

O Jornal do Comércio, Zero Hora e O Sul estão mais próximos uma vez que não fazem referências ao movimento ambientalista, ou seja, não vinculam a imagem do ambientalista com o movimento ecológico. Esses jornais se aproximaram no que diz respeito ao discurso veiculado e aos objetos que emergiram nesse discurso como vinculados à imagem do ecologista. Entretanto, o Jornal do Comércio tem uma peculiaridade, pois ele salienta as tentativas empreendedoras bem sucedidas, como por exemplo, todo o trabalho desenvolvido pela Fundação Gaia e o Rincão Gaia. Essa maneira de definir o que representa ser “ecologista” está relacionada à proposta editorial desse jornal, à qual está voltada aos negócios e a economia. Mais do que o drama e o espetáculo, princípios que costumam mover o jornalismo, o “Jornal do Comércio” procura extrair dos fatos apresentados empreendimentos bem sucedidos, negócios que deram certo e que, ao mesmo tempo, no caso da questão ambiental, contribuem para preservar o meio ambiente. Ao apresentar a figura de Lutzenberger como um empreendedor, explorando esse tipo de narrativa, o jornal contribui para ampliar a visão de que a questão ambiental pode ser algo comercialmente produtivo.

Os jornais Zero Hora e O Sul, pode-se dizer que se situam em um modelo romântico de construção da biografia de Lutzenberger, bem como da definição da questão ambiental e das atividades desenvolvidas pelo ambientalista. Apresentando informações sobre a vida pessoal, privada e familiar do personagem e os construindo de uma maneira emotiva e sentimental, esses jornais exploraram com mais vigor que os demais, o drama, o aspecto sentimental e emocional através da utilização da retórica⁶ familiar, como também do “espetáculo do temporal” que envolveu o fato. No caso da Zero Hora, principalmente, a natureza é apresentada quase que como um agente que se manifesta e que tem “sentimentos”, mas que precisa, ao mesmo tempo, ser admirada e venerada tal como os deuses merecem.

Ao priorizar esse tipo de narrativa e esquema argumentativo, esses jornais fornecem uma visão do que representa ser ecologista que está associada às capacidades individuais, ao “dom” natural de estabelecer uma relação com o meio ambiente. Frases como: “os sonhos e as profecias de Lutzenberger”, “o guardião do verde”, “o defensor da natureza”, “o ecologista movido a confrontos”, dentre outros já descritos, ilustram tal visão. Ao passar uma imagem do personagem Lutzenberger esses jornais estão também construindo uma noção de meio ambiente, que nesse caso contribui para reproduzir uma noção associada à “natureza intocada”⁷. Isso quer dizer que a natureza passa a ser objeto de admiração e contemplação por parte do homem, um sentimento de apreciação e celebração da natureza. Hábitos como criar animais, estar em contato com eles, cultivar plantas, passam a ser valorizados e são alguns dos exemplos colocados nos jornais e ilustrados pelas fotos que demonstram tal concepção de natureza e de meio ambiente.

O jornal *Correio do Povo* se distingue dos anteriores não se encaixando nesses modelos. Apesar de ser definido como um jornal comercial, a maneira como publicou o assunto difere daqueles vinculados a essa linha. A maneira como abordou o tema se aproxima mais do modelo argumentativo dos jornais específicos sobre a temática ambiental analisado. Esse modelo, o qual se denominou “militante”, relaciona Lutzenberger às atividades do movimento ambientalista, colocando-o na posição de militante, bem como de cientista, do político que ocupou postos no governo, mas um cientista e um político engajado que atuou juntamente com o movimento ambientalista.

Mas é importante ressaltar a própria história do jornal e seu vínculo com o personagem retratado, pois essa é uma das condições sociais que faz o *Correio do Povo* não se encaixar nos modelos próprios dos jornais anteriormente mencionados. Esse jornal tem uma história de proximidade com o movimento ambiental desde o momento em que as questões ambientais passaram a ser priorizadas pela imprensa, tornado-se foco de atenção jornalística. Ambientalistas gaúchos como Henrique Roessler e o próprio Lutzenberger foram colaboradores do jornal na década de 1970. Além disso, muitos dos conflitos ambientais locais, tais como a poluição da fábrica Borregard que liberava mau cheiro em dias de vento e por ter poluído parte do Rio Guaíba, contaram com a interferência direta do jornal e de seu proprietário. O fechamento da fábrica de celulose Borregard no Estado, na década de 1970, ocorreu em função de uma campanha antipoluição liderada pela Caldas Júnior, grupo proprietário do jornal *Correio do Povo*. A campanha iniciada pelo *Correio do Povo* atingiu tais proporções que, segundo o secretário da saúde na época, Jair Soares, (GALVANI, 1995), o governador ficou contra a parede, caso a empresa não resolvesse o problema, teria de fechar. Assim, a utilização de um quadro ou esquema argumentativo pelos jornalistas depende também da história política de sua redação e da relação diferenciada que os jornais estabelecem com a temática ambiental.

Os jornais *Já*, *Ambiente Já*, e *Agir Azul* na Rede salientaram, assim como *Correio do Povo*, aspectos de sua trajetória como empregos, cargos, posições

ocupadas, atividades que desempenhou, prêmios que ganhou, fazendo um vínculo do ambientalista com o movimento ambientalista e suas atividades em prol de um movimento ecológico. Ao mesmo tempo que salientou aspectos da sua vida privada, como lugares que freqüentava, bebidas que gostava de apreciar, enfatizou também sua personalidade “ativista” e “engajada”. Contudo, ao destacar sua atuação como militante, esses jornais contribuem para mostrar certas concepções do que seja o exercício da militância. Tal exercício bem sucedido está vinculado a capacidade do personagem em circular por diferentes espaços sociais, como empresas, governos, entidades, academia, caracterizando-se como cientista, político e ambientalista. Ao destacar certas características, como a de um “cientista engajado”, tais jornais contribuem para apresentar uma visão do movimento ambiental e do exercício da militância como relacionado à capacidade de articular ciência e militância, política e defesa do meio ambiente. A própria definição de “ciência” apresentada remete a possibilidade de fazer desta uma forma de intervenção social. Assim, o personagem retratado representa uma forma bem sucedida de inserção em vários espaços simultaneamente. A vinculação entre ambientalismo, ciência e política e a capacidade de inserir-se nestes espaços concomitantemente é que faz desse personagem um “herói”, segundo tais jornais, um sujeito excepcional, “o mais forte que encontra Deus no caos da escuridão”.

Entretanto, é preciso levar em consideração as condições sociais que fornecem aos jornalistas tais quadros de interpretação. O jornal Ambiente Já e Agir Azul na Rede têm suas redações constituídas por jornalistas que estabelecem uma relação diferenciada com a temática ambiental, uma vez que não se limita à produção de notícias, mas atinge a inserção em grupos e movimentos ambientais. O Agir Azul na Rede por ser um jornal eletrônico de uma entidade ambientalista tem como proposta dar espaço às posições de entidades ambientalistas quanto aos mais variados temas ambientais. O jornal Ambiente Já, conforme definição presente em sua página eletrônica (www.ambienteja.com.br) está preocupado com *o desenvolvimento da consciência ecológica e tem como objetivo oferecer informação de alta qualidade na área de meio ambiente através de notícias produzidas por jornalistas especializados e com a colaboração de engenheiros, legisladores e consultores*. Esses jornais estão profundamente engajados com a temática ambiental.

Nesse sentido, a proposta editorial de tais jornais e a participação destacada de muitos de seus jornalistas no movimento ambiental fornece e define outras formas de percepção e julgamento sobre tal temática, contribuindo, assim, para construção de certos modelos de apresentação da notícia⁸. Tais participações e envolvimento constituem um dos fatores determinantes na produção de notícias, uma vez que a formação de modelos argumentativos depende tanto dos limitadores da ação da imprensa e da própria história política da redação, como da história biográfica e profissional daqueles jornalistas responsáveis pelas matérias⁹. Desse modo, a notícia escrita é feita com base em um conjunto de quadros de referência que se apresentam aos jornais e aos jornalistas, contribuindo, portanto, para construção da realidade social.

Conclusão

A descrição dos enunciados dos discursos, das principais palavras utilizadas para definir, conceituar e adjetivar a figura de Lutzenberger e os objetos que emergiram como relacionados ao ambientalista (perfil contestador, mestre, líder dos ecologistas, pai da ecologia) revelam modelos argumentativos na construção da representação do que é “ser ambientalista”. Portanto, essas notícias contribuem para construir determinadas imagens a respeito da biografia do autor de maneiras diferentes de acordo com interesses particulares e a dinâmica de funcionamento de cada jornal. Contudo, mais do que um instrumento que fornece imagens biográficas, os jornais funcionam segundo as regras e segundo uma visão de mundo social e político que lhe são próprias. Os jornais analisados operam com princípios diferentes do que é ser “ecologista”, do que é estar engajado e militar na causa ambiental e com concepções próprias de sociedade e política. Tais princípios estão relacionados à política editorial de cada jornal, como o público que pretendem atingir, sua dinâmica de funcionamento, como o número de jornalistas para cobrir o tema, a seção em que o assunto é destinado, a concorrência com outros assuntos dentro do jornal, mas também com relação à própria história do jornal e sua relação com a temática ambiental. Todas essas questões oferecem quadros cognitivos, esquemas de percepções e de julgamento, que os jornalistas operacionalizam para apresentar e formular uma informação ou comentário. Os constrangimentos que pesam sobre o trabalho jornalístico, sobre as escolhas temáticas e a forma de abordar os assuntos dependem de questões políticas, profissionais e também econômicas.

A principal diferença entre o material analisado é o vínculo que alguns jornais estabeleceram entre o personagem Lutzenberger e o movimento ecologista. Todos os jornais analisados, independente do tipo de jornalismo que se propõem, seja jornalismo comercial, comunitário ou especializado, fazem apelo ao caráter emocional, particularista e dramático do fato ao mencionar termos como: “A natureza recebe quem sempre defendeu”, “A Morte do Mestre”, dentre outros descritos anteriormente. Entretanto, o que diferencia esses jornais é a intensidade da utilização desses termos e a forma como utilizam o “emocional” nas notícias, bem como o apelo a outros aspectos, como o movimento ambiental e as atividades realizadas pelo ambientalista. A morte do ambientalista José Lutzenberger chamou a atenção da “grande mídia”, justamente por ser um fato que estimula o caráter emocional.

Além de identificar modelos de argumentos que os jornais utilizam para se referir a um tema e como tais modelos permitem definir o universo retratado fornecendo aos leitores possíveis interpretações, este estudo tem como uma das preocupações abordar as condições sociais que contribuem para construção de determinados modelos de argumentos. Assim, tratou-se de identificar em que medida tais condições sociais fornecem aos jornalistas quadros de referência para abordar determinado assunto na imprensa. Dentro desses quadros de referência manifestaram-se, por um lado, a proposta editorial de cada jornal analisado, sua

linha de abordagem das notícias, as quais dependem dos interesses comerciais e da concorrência com outros jornais. Por outro lado, a história política da redação e a relação que historicamente estabeleceram com o tema noticiado. E por fim, a história biográfica e as trajetórias de seus jornalistas. Estes três elementos fornecem aos jornalistas modelos de referência na abordagem de um determinado assunto.

A análise das notícias sobre o ambientalista José Lutzenberger permitiu mostrar que a forma como se fala da sua pessoa, dos seus gostos, das suas opiniões, das suas escolhas, das suas experiências de vida, implica em interpretações sobre o universo ecológico, o que é próprio e peculiar a esse “mundo”. Através das notícias sobre essa personalidade os jornais definem o que é ser ambientalista, estabelecem as fronteiras de quem deve ser considerado um ator ecológico e de quem não deve ser incluído como tal, contribuindo, assim, para consagrar determinados princípios de divisão e hierarquização social. Ao apresentar certas características do personagem a imprensa contribui para consagrar e naturalizar qualidades socialmente adquiridas, como é o caso da divulgação de qualidades extraordinárias, ou da idéia de “dom”, da imagem do “profeta” e do “mestre”. Entretanto, só se compreende a maneira como ela consagra, celebra e cria “heróis”, como no caso aqui tratado do ambientalista José Lutzenberger, se levar em consideração a relação peculiar que cada jornal estabelece com a problemática em questão (temática ambiental), bem como os seus interesses diferenciados que estão relacionadas à sua forma, à sua dinâmica de funcionamento e à sua estrutura.

Referências Bibliográficas

- BASTIN, G. Un objet qui résiste: le journalisme dans la sociologie bourdieusienne, *Recherches Européennes en Sociologie des Médias*, 2006. Disponível na página: <http://www.sociomedia-europe.com/document.php?id=466>. Consultado em 10/07/2007.
- BOSK, C. & HILGARTNER, S. The Rise and Fall of Social Problems: A Public Arenas Model, *AJS*, vol 94, n. 1, july, pp. 53-78, 1988.
- BOURDIEU, P. *Sobre a Televisão*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.
- CARVALHO, I. C. M. *A Invenção do Sujeito Ecológico: Sentidos e Trajetórias em Educação Ambiental*, Tese (doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, 2000.
- CHAMPAGNE, P. A Visão Mediática, In: BOURDIEU, P. (coord) *A Miséria do Mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, pp. 63-79, 1997.
- CHAMPAGNE, P. *Formar a Opinião*, Petrópolis, Vozes, 1998a.
- CHAMPAGNE, P. A Ruptura com as Pré-Construções Espontâneas ou Eruditas, In: CHAMPAGNE, P. et all. In: *Iniciação a Prática Sociológica*. Petrópolis: Vozes, pp. 171-227, 1998b.
- COLLOVALD, A. Identites Strategiques, *Actes de la Recherche en Ciencias Sociales*, 73, jun: 29-40, 1988.
- FUKS, M. *Conflitos Ambientais no Rio de Janeiro. Ação e debate nas arenas públicas*, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- GALVANI, W. *Um Século de Poder. Os Bastidores da Caldas Júnior*, 2ª. ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1995.
- GAMSON, W. & MODIGLIANI, A. Media Discourse and Public Opinion on Nuclear Power: A

Constructionist Approach, *AJS*, Vol 95, n. 1, July: 1-37, 1989.

HANNIGAN, J. *Sociologia Ambiental*, A Formação de uma Perspectiva Social. Lisboa, Instituto Piaget, 1995.

JUHEM, P. Luttés partisans et fluctuations des cadres cognitifs des journalistes. *Communication pour au congrès de L'Ajsp de Rennes*, Tables ronde: "Lês effets d'information (mobilizations préférences agendas)", dirigée par Jacques Gerstlé, septembre 1999. Disponível no site: www.perso.club-internet.fr/juhem/

LASCOUMES, P. *L'eco-pouvoir. Environnements et politiques*, Paris, Éditions La Découverte, 1994.

PETRARCA, F. Jornalismo e Meio Ambiente no RS: trajetórias profissionais e lógicas de engajamento na produção de notícias ambientais, *Revista Teoria e Pesquisa*. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos. Dossiê Profissões, n. 40 e 41, jan/jul: 107-136, 2002.

¹ O trabalho de BOURDIEU sobre o jornalismo centra basicamente na análise do campo jornalístico e seus efeitos no "métier" jornalístico. Contudo, diferentes leituras foram feitas por um conjunto de autores que reivindicam uma associação a "abordagem bourdiana". Três vias principais aparecem: a) os trabalhos de Patrick Champagne sobre os efeitos simbólicos da mídia na imposição de imagens e crenças, centrando nos jornalistas como atores, com forte herança dos primeiros trabalhos de Bourdieu sobre a opinião pública; b) a estrutura do campo jornalístico, sua evolução e a relação com o campo do poder, por Bourdieu ele mesmo; c) e a análise etnográfica do jornalismo, com destaque para Alan Accardo que centra na forma como os constrangimentos que pesam sobre o jornalismo se tornam em verdadeiras estruturas psicológicas (BASTIN, 2006).

²As expressões colocadas em itálico representam exatamente como foram publicadas nos jornais, sem nenhuma alteração.

³ Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural.

⁴Tal informativo tem como endereço eletrônico: www.ambienteja.com.br

⁵Tal informativo tem como endereço eletrônico: www.agirazul.com.br

⁶O termo "retórica" está sendo utilizado tal como propõem FUKS (2001). Segundo esse autor a retórica diz respeito a um recurso argumentativo utilizado para explorar uma determinada questão. No caso de seu trabalho sobre os litígios ambientais o autor apresenta que o relato sobre a "ameaça das habitações populares" se nutre de um acervo retórico constituído ao longo da história urbana do Rio de Janeiro. Esse relato recorre a história urbana da cidade.

⁷Uma noção aprofundada a respeito da concepção de "natureza intocada" pode ser encontrada em CARVALHO (2001). Convém mencionar que se utilizou esse termo em um sentido abrangente e ilustrativo.

⁸Sobre a relação entre produção de notícias ambientais e trajetórias dos jornalistas no RS, ver: PETRARCA, 2002.

⁹Sobre a relação entre discurso jornalístico e histórica biográfica e profissional ver JUHEM, 1999.